Emília Costa

O corpo-arquivo da guerra

O sabor de um cigarro é um dos melhores companheiros em tempos de derradeira tristeza. Amando e partir é o maior sacrifício.

RITA NEVES e PATRÍCIA COUVEIRO, *Corpo Suspenso*

Rita Neves e Patrícia Couveiro, quando em Julho de 2020 iniciaram os trabalhos que se viriam a tornar no espectáculo *Corpo Suspenso*, onde a guerra colonial é revisitada através das memórias pessoais da actriz Rita Neves, filha de um ex-combatente em Angola, estavam longe de imaginar a actualidade que a partir de 24 de Fevereiro de 2022 tal criação assumiria.

A guerra que até então se afigurava uma realidade distante das nossas memórias quotidianas, passou a conviver, em imagens de horror, diariamente nas nossas vidas. Deste modo, de uma forma mais intensa e cruel, a guerra de que as artistas se propuseram falar, silenciada na suspensão do corpo do pai, tornou-se ainda mais presente, mais inquietante, mais insuportável, pela consciência em directo de como a estupidez humana teima continuamente em repetir-se perante a nossa dramática impotência.

Em *Corpo Suspenso*, Rita Neves, com um já expressivo percurso de actriz em companhias como O Teatrão e Comédias do Minho, reincidiu como criadora, após *Brel Como um Sonho*, em 2010, aliando-se a Patrícia Couveiro, também ela actriz e encenadora, mas igualmente com experiência na área da realização, e do conjunto destas duas experiências surgiu um espectáculo inteligente, contido e comovente sobre o maior tabu português, a Guerra do Ultramar.

Apesar de sermos quase tentados a considerar que Rita Neves, metamorfoseando-se ora de pai ora de filha, ora de soldado ora de actriz, se entregou neste espectáculo a um profundo monólogo, a voz de Patrícia Couveiro pincelando o espaço, muitas vezes em eco, enquanto atrás da mesa de mistura, do lado direito do palco, controla o som e as luzes, desperta-nos para a evidência do faz de conta que todo o teatro é. E é deste modo, entre tons sombrios e irónicos, que o texto se desenrola à nossa frente, nos olhos castanhos, aturdidos e desconcertantes, da actriz, que também são os do pai, fazendo-nos compreender o quanto do corpo sofrido deste se encontra incorporado nela. Assistimos, então, na filha que se faz passar por pai, à partida para Luanda, no Vera Cruz, em 1964, de um jovem de 21 anos, entre mais de

Corpo Suspenso

Conceito e direcção: Rita Neves
Criação e texto: Rita Neves e Patrícia Couveiro **Desenho de luz e sonoplastia:** Gonçalo Alegria
Fotografia e vídeo: Mafalda Mendes **Apoio à dramaturgia e registo audiovisual:** Rui Pires
Aconselhamento artístico: Vânia Rodrigues **Apoio ao movimento:** Sofia Neuparth
Concepção plástica do espectáculo e apoio aos ensaios: Tiago Vieira
Apoio aos figurinos: Luís Godinho **Interpretação:** Rita Neves e Patrícia Couveiro
Produção executiva: Xana Lagusi, Rui Pires e Rita Neves
Produção: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação GDA e DGArtes

Locale data de estreia

Latoaria, Lisboa
30 de abril 2021

três mil e tal "gajos", todos "largados a chorar", e ao desespero de dois anos e meio de guerra, e à loucura de tudo aquilo que se viu fazer e que se fez, e que jamais saberemos, pois o inimaginável não se revela, é segredo. Acompanhamos aquele que saiu jovem de Portugal, inocente na sua crença no amor, e que regressou velho, instável e violento, com uma ironia azeda. Dois anos e meio depois da partida, apenas dois anos e meio, e um jovem transmudou-se em velho, e velhos ficaram também os seus filhos, com o peso de chumbo do corpo do pai. Percebemos também que a filha quer compreender-se no corpo-arquivo da guerra em que o pai se tornou, por isso, vai ser recrutada, no seu *casting* como actriz, para o batalhão de artilharia 701, como cabo atirador e embarcar na próxima viagem do Vera Cruz, em direcção a Luanda. Após tal recrutamento, a filha já pode entender os silêncios do pai, os seus alheamentos, o vício quase ininterrupto do cigarro, a razão pela qual quis ficar para trás em Quicabo ou apontar uma arma à cabeça. E o medo, mesmo após o regresso, o medo dos bombardeamentos, das explosões, dos braços e pernas pelo ar, das cabeças decepadas e colocadas num pau, só para desencorajar, e o acordar sobressaltado, atirar-se para o chão, a gritar, "estão aí os gajos, estão aí os gajos", sendo levantado pela mulher que lhe sussurrava suavemente, "anda daí, não estão nada, anda dormir". De igual modo, a violência que existe nele, que existe nela, quando ela come furiosamente as bananas que ele odeia, por ter sido obrigado a comê-las quando sofreu, na infância, de tuberculose e a violência que a obriga, na pele dele, a destruir a cabana e a parede de ramos de palmeira, espalhando-os pelo chão, espezinhando-os, transformando o chão em destroços de guerra, pois é isso o que sobrevive numa guerra, os destroços, apenas os destroços. De salientar a excelente opção dramatúrgica ao colocar nesta cena de instabilidade nervosa, de violência exposta, a música alegre e ligeira da *Mariquinha* do Bonga.

Por fim, a cena mais impactante do espectáculo, a cena final, quando a performer, escondida atrás dos ramos de palmeira que recolheu do chão, curvada sobre o seu próprio corpo, por cima da sua voz gravada em *off*, que relata partes da entrevista que fez ao pai e dos seus pensamentos, vai repetindo em palco algumas das frases, e ouvimos de novo, desta vez mais pormenorizadamente, a história de quando o pai quis desistir, deixar-se ficar no mato, e um companheiro, um amigo de verdade, um daqueles heróis anónimos, não o deixou. E depois, ao som de *With drooping wings*, da ária de *Dido e Eneias*, na música de Henry Purcell, a filha levanta-se, coberta de ramos de palmeira, também ela na selva, mas inteira, apesar de tudo inteira, e se interroga sobre a sua capacidade de premir o gatilho, de disparar.

Fig. 1 - Corpo Suspenso, de Rita Neves e Patrícia Couveiro, enc. Rita Neves e Patrícia Couveiro, Lisboeta, 2021 (Rita Neves). (P.) Filipa Padilha.

Fig. 2 – *Corpo Suspenso*, de Rita Neves e Patrícia Couveiro, enc. Rita Neves e Patrícia Couveiro, Latoaria, 2021 (Rita Neves), [F] Alípio Padilha.

Da abordagem cénica, a cargo de Tiago Vieira, numa excelente leitura dramatúrgica, sobressai a cozinha dos anos 70 do lado esquerdo, local de predilecção do pai, por ser aí que continua a fumar, e o estúdio fotográfico do lado direito, num fundo em tela branca, onde vão sendo projectadas as fotografias antigas do pai e uma ou outra actuais, fotografias essas que estão na origem desta criação. Em paralelo, num equilíbrio perfeito, o desenho de luz arquitectado por Gonçalo Alegria, remete-nos para um universo nocturno, onde as principais luzes que se fazem sentir surgem de três candeeiros de pé, utilizados em estúdios de fotografia, e do vídeo que projecta as imagens do pai, antes de partir para a guerra, no Vera Cruz, e lá longe, aonde ninguém queria estar.

Fig. 3 - *Corpo Suspenso*, de Rita Neves e Patrícia Couveiro, enc. Rita Neves e Patrícia Couveiro, Latoaria, 2021 (Rita Neves), [F] Alípio Padilha.

Fig. 4 - Corpo Suspenso, de Rita Neves e Patrícia Couveiro, enc. Rita Neves e Patrícia Couveiro, Latoaria, 2021 (Rita Neves), (F) Alípio Padilha.

Os figurinos, concebidos por Luís Godinho, estão igualmente imbuídos de negritude, trocando a actriz as vestes pretas, carregadas de um luto indisfarçável, pela farda militar do pai, onde a morte e a destruição se mostram inscritas.

A contracena do vídeo e da voz off com as actrizes em palco amplifica as cenas, permitindo-nos outras leituras, outras sensações, evidenciando-se aquela em que as costas do pai na tela são o mapa de Angola, ou a outra em que se transmite o início do europeu de futebol de 2016, no qual Portugal se sagrou campeão, aquando da passagem do bélico hino nacional, onde se promove o marchar contra os canhões, em contraste com a frase, gritada em fúria, instantes antes, por Rita Neves, "marchem vocês!".

Sem grandes malabarismos cénicos, até porque tal se revelaria supérfluo, Rita Neves e Patrícia Couveiro fizeram-se ouvir no ensurdecedor silêncio que é o nosso passado colonial e a ferida insarável da guerra, contagiando os espectadores para essa necessidade de ouvir falar, de compreender. Por isso, da programada apresentação na Latoaria em Abril e Maio de 2021, já passaram pelo Festival de Almada, em Almada, pelo Festival Bairro em Festa, em Lisboa, pelo Teatro Garcia de Resende, em Évora, pelo Museu do Aljube, em Lisboa e pela Confederação, no Porto.

Por muitos outros sítios passarão ainda, cremos, pois *Corpo Suspenso* é a memória esquecida e atormentada de um povo que finalmente anseia por a revelar, por se libertar. E se antes de a Europa sentir nas suas franjas os corpos dilacerados pela monstruosidade da guerra, este já era um espectáculo imperdível, agora tornou-se imprescindível.